

Trabalho



OPINIÃO

PAULO PEREIRA DA SILVA (Paulinho)
Presidente da Força Sindical



Desemprego atinge índices alarmantes

Apesar das expectativas otimistas de alguns, o desemprego no Brasil não para de surpreender negativamente. O número de postos de trabalho perdidos no 3º trimestre deste ano, encerrado em setembro, segundo dados divulgados pelo IBGE, ficou em 11,8%, próximo da casa dos doze milhões de desempregados, o equi-

valente ao total da população da cidade de São Paulo, a maior do País.

E foi a indústria, que possui o maior número de trabalhadores com carteira assinada, a principal responsável pela medição negativa: queda de 1,3 milhão de trabalhadores frente a 2015. E muitos dos que continuam empregados passaram a ganhar menos.

Como se não bastasse, até o trabalho in-

formal (sem registro em carteira) encolheu 1,5% em relação ao período de fevereiro a abril deste ano, o que representa 342 mil vagas fechadas para pessoas que trabalhavam por conta própria.

A Força Sindical e as demais centrais, num esforço conjunto para debelar o desemprego, elaboraram um documento, que foi entregue ao governo, contendo propostas para conter a crise gerando emprego e renda. Entre as propostas apresentadas destacamos o Plano Nacional de Renovação Veicular dos automóveis, ônibus, motocicletas, caminhões e tratores, proposta defendida por diversas entidades sindicais e do setor produtivo.

Só falta o governo abrir o diálogo sobre o tema para as coisas começarem a andar!

REFORMA PREVIDENCIÁRIA

Foto: Jaécio Santana



Paulinho: "As manifestações são importantes para intensificar as mobilizações contra a retirada de direitos dos trabalhadores"

Força Sindical prepara atos por direitos

Manifestações serão realizadas no próximo dia 25 em cidades e capitais de todo o Brasil

A direção executiva da Força Sindical se reúne hoje, dia 8, em Brasília, para preparar o Dia Nacional de Luta pelos Direitos, que será realizado no próximo dia 25. Nessa data serão realizadas manifestações pela manutenção dos direitos dos trabalhadores nas capitais

dos Estados e em várias outras cidades do País. Também estará na pauta, hoje, o Congresso Nacional da Central, que acontecerá em junho do próximo ano.

"As manifestações são importantes para intensificar as mobilizações contra a retirada de direitos dos trabalhadores", declara Paulo Pereira da Silva, Paulinho, presidente da Força Sindical. Já o secretário-geral da Central, João Carlos Gonçalves, Juruna, ressalta que a Força é a favor das mudanças na Previdência Social, desde que não retire direitos dos trabalhadores. "Não vamos medir esforços para estas mobilizações", diz Juruna. Segundo ele, a intenção é explicar, com

muita clareza, para a classe trabalhadora, a mudança que o governo pretende fazer: "Afinal, as mudanças vão mexer com cada um dos brasileiros".

A Força Sindical considera vital deixar muito claro para a sociedade que não medirá esforços para impedir a retirada de direitos. É bom lembrar que a classe trabalhadora está carregando um fardo muito pesado nesta crise, com doze milhões de desempregados. Está pagando, enfim, por uma conta que não fez. Os reflexos da crise são cruéis: redução do consumo, da produção e dos empregos.

Além de mobilizar os trabalhadores

estamos atuando em frentes. Ao lado das outras centrais, já enviamos ao governo um documento com várias propostas, que, se colocadas em prática, vão equilibrar as contas públicas, gerando, ainda, emprego e renda.

Entre as propostas para a Previdência estão a criação do novo Refis para a cobrança de R\$ 236 bilhões de dívidas ativas; a venda de imóveis inativos do INSS; a revisão das isenções para atividades filantrópicas; a tributação do agronegócio; e a destinação à Seguridade/Previdência das receitas oriundas da regulamentação dos bingos e jogos de azar.

SÃO PAULO

Foto: Jaécio Santana



Miguel e Paulinho: "Nossa luta será intensificada! Não aceitamos a retirada de direitos!"

Metalúrgicos aprovam reajuste salarial

Aproximadamente seis mil metalúrgicos aprovaram, na última sexta-feira, dia 4, as propostas salariais de quatro grupos patronais, garantindo, assim, a reposição integral da inflação (INPC) do período aos salários e, também, nos pisos. Mais o abono salarial.

Miguel Torres, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, defendeu o reajuste: "Neste período conturbado que atravessamos, de forte crise econômica, os reajustes aprovados representam, para os trabalhadores, uma grande conquista".

Os metalúrgicos resolveram, ainda, in-

tensificar a pressão nas empresas dos sindicatos patronais que não fecharam acordo. Os grupos são: 2 (Máquinas e Eletrônicos), 3 (Autopeças) e Estamparia de Metais. E três dos sete sindicatos do chamado grupo 19-3: Simefep (Equipamentos Ferroviários), Siamfesp (Artefatos de Metais Não Ferrosos) e Sinafer (Artefatos de Ferro, Metais e Ferramentas). O grupo 10 (Fiesp e outros), Sindicato da Indústria de Fundição, Sindirepa (Reparação e Veículos), Sindimotor, e os demais sindicatos do grupo 19-3 não apresentaram ainda suas propostas.

PORTO DE SANTOS

Trabalhadores avulsos mantêm a greve

A maior parte dos 1.600 trabalhadores avulsos de capatazia do porto de Santos realizaram, ontem, dia 7, uma assembleia no corredor de exportação do porto, na moega 5 do armazém XL (40), no bairro Ponta da Praia. A assembleia contou com a participação solidária de trabalhadores de outras categorias do porto – e até da Capital paulista, por intermédio das centrais sindicais.

Os avulsos de capatazia estão em greve nas empresas ADM e Louis Dreyfus, que ocupam trezentos desses trabalhadores por dia nos embarques de graneis sólidos, que chegam ao porto em vagões. A paralisação foi iniciada no dia 1º de novembro.

O problema é que as operadoras não querem mais utilizar os trabalhadores avulsos de ca-

patazia do Sindicato dos Operários Portuários (Sintraport), escalada pelo Órgão Gestor de Mão de Obra (Ogmo). Segundo o presidente do Sintraport, Claudiomiro Machado, o Miro, as empresas pretendem operar com empregados vinculados, que somam cerca de 170. Isto prejudicaria enormemente, segundo ele, os 1.600 trabalhadores avulsos de capatazia, que passam pelo local em sistema de rodízio.

Foto: Robson Gama



Avulsos de capatazia, e trabalhadores de outras categorias, decidem continuar parados